

EDUCAÇÃO E LITERATURA

COMO FACILITADORES DO PROCESSO SUBLIMATÓRIO

Guilherme Gabriel Trevizan (UEL)

RESUMO: A partir de uma aula sobre o poema I-Juca-Pirama, do interesse dos alunos pelo enredo, sua comoção, e sua vontade manifesta de elaborar um novo final para a narrativa, temos inspiração para pensar o conceito freudiano de sublimação como um dos destinos da pulsão. Esta é a força interna que move o homem rumo aos objetos de seu desejo e tem quatro possíveis destinos: recalque, retorno para a pessoa, inversão em relação ao objeto, e sublimação (o mais otimista). A sublimação está presente em diversas produções intelectuais e artísticas e no consumo dessas produções. O que determina se um sujeito está sublimando ao consumir uma obra é bastante singular e até controverso. Mas o impulso para a produção, como o dos alunos, de propor novos desfechos para a história, se mostra como fator de evidência para que se considere um processo sublimatório.

PALAVRAS-CHAVE: educação; literatura; sublimação.

Introdução

O presente trabalho é uma investigação inspirada pela experiência de uma aula de literatura sobre o poema I-Juca-Pirama de Gonçalves Dias (1851) ministrada para o segundo ano do Ensino Médio, durante o programa de Residência Pedagógica, no ano de 2024.

Com a concepção de literatura como forma de expressão artística, que permite que um sujeito leitor fale por si mesmo, que fale com outros e ainda como fomentadora de (inter)subjetividade, como se lê em Petit (2009); e a partir do conceito de sublimação como elaborado por Freud (1915a; 1930), isto é, a sublimação como o destino mais otimista para a pulsão, destino que, como o próprio autor salienta, se materializa em produções artísticas e intelectuais (entretanto sem se restringir a estas formas de produção); somos levados a considerar um processo de sublimação ao consumir artefatos artísticos e intelectuais. Com ainda mais convicção, somos levados a pensar a existência de um processo de sublimação quando há um impulso para a criação. Temos, no horizonte dessa perspectiva do destino sublime para a pulsão, uma consequência pessoal que leva a um alargamento do universo simbólico e das possibilidades de laço social.

Assim faremos um percurso pela importância da literatura na vida subjetiva e coletiva, e por alguns conceitos da psicanálise que possam dar suporte para a ideia de um

processo sublimatório no contexto de ensino e aprendizagem, especialmente no ensino de literatura. Considera-se esse processo tanto pelo enriquecimento simbólico que o ensino intelectual e artístico pode promover na vida subjetiva dos estudantes, quanto pelas possibilidades de criação evocadas a partir dos conteúdos transmitidos, o que, em alguns casos, pode, inclusive, transcender as possibilidades criativas e se materializar em criações concretas.

1 Importância da literatura

A leitura literária consiste numa experiência de aprofundamento das possibilidades de subjetivar a realidade, o que envolve uma melhora nas relações com o que há de incomum e até traumático na vida de uma pessoa. De acordo com Petit (2009) o encontro com uma obra literária se dá, desde a escolha, que pode ser motivada por haver alguma relação da obra com uma *catástrofe íntima* do leitor, isso por ser uma versão imaginária dela. Assim a Literatura, dentre outras coisas, acalma e consola ao mesmo tempo que aciona lembranças, memórias e fantasias. Essa elaboração de Petit (2009) está em acordo com o que se pode esperar de um processo sublimatório como veremos adiante.

Além da importância subjetiva da literatura, há também uma importância de ordem coletiva ou política, como nos traz Candido (2013), que relaciona a luta por direitos humanos à luta por acesso à cultura. Para ele o acesso à literatura não é um luxo, mas um direito pelo qual se deve lutar. Há diversos entraves para o acesso a todos os níveis de cultura, já que podemos considerar a existência de uma cultura popular (em oposição à erudita) que estaria mais ao acesso das classes sociais mais baixas. Porém a luta pelo acesso à cultura de todos os tipos se faz deveras necessária.

Já é possível antecipar que uma das importâncias do acesso à cultura (principalmente conhecimento intelectual e artes) se dá justamente porque ela configura um destino otimista para as pulsões que partem do interior de cada sujeito em sociedade, ou seja, porque ela permite a sublimação. Assim a luta pelo direito à literatura – e outras produções culturais – constitui também uma luta por mais possibilidades de destinos para as pulsões. Enfim, é a luta contra uma opressão que, além de econômica e cultural, também é simbólica.

2 Pulsão e sublimação

Pensar a sublimação como destino da pulsão requer uma breve explicação sobre as pulsões. O ser humano, desde seu estado primitivo e infantil sente no corpo a presença de estímulos externos. Quando esses estímulos são interpretados como fontes de prazer, o organismo tende a se aproximar deles, buscando, em última instância, uma introjeção ou apropriação da fonte daquele estímulo. Quando um certo estímulo é interpretado como fonte de desprazer, busca-se o afastamento. Assim é a forma de lidar com os estímulos exteriores, que possui uma aproximação com o esquema do arco reflexo da biologia (Freud, 1915a).

Uma grande distinção das fontes de estímulo ocorre, a nível subjetivo, quando o organismo se depara com estímulos dos quais não consegue se afastar. Esses estímulos serão, então, interpretados como de origem interna. Assim os estímulos desprazerosos dos quais a pessoa não consegue se afastar permitem que se comece a distinguir entre as fontes internas ou somáticas, e as fontes externas. Em suma, permitem que o sujeito comece a distinguir entre o dentro e o fora (Freud, 1915a).

A esses estímulos internos o sujeito precisa elaborar alguma resposta, e esta resposta tende a se dar pela ação no mundo externo na busca de formas de aliviar os desconfortos internos. São esses estímulos internos as fontes da pulsão, conceito essencial para o entendimento da sublimação. A pulsão é uma “pressão” interna que leva um organismo a agir sobre o meio, e que, quando chega à percepção consciente, quando se expressa pela linguagem, toma rumos diferentes da mera descarga direta. Enquanto o instinto é somente a reação aos estímulos que se apresentam. No instinto animal a descarga da tensão tende a ser imediata e direta (Freud, 1915a).

Sendo a pulsão um conceito limítrofe ou fronteiro, entre o psíquico e o somático, temos que a origem da pulsão é somática, mas é só a partir do advento da linguagem que se pode acessá-lo, daí que Freud (1915a) pontua que se trata de um conceito fronteiro. Porém, após a descarga de alguma pulsão há sempre uma sobra, um resto de tensão que continua a pressionar o organismo para atividade. A impossibilidade da descarga completa é estrutural. É essa sobra que mantém o ser humano em movimento.

A satisfação plena e constante não é possível também pelas exigências de uma vida em sociedade. Assim temos um mal-estar que se impõe ao ser humano, principalmente advindo da vida em civilização (Freud, 1930). A partir disso, as pulsões que não podem ser

satisfeitas de forma mais direta e objetiva precisam passar por processos outros que não a mera descarga direta das tensões internas.

Freud (1915a) traz quatro possibilidades de destinos para as pulsões. Um deles, o recalque, tem seu conceito desenvolvido em um ensaio específico (Freud, 1915b), é a forma de defesa neurótica que visa um tipo específico de esquecimento do material relacionado à pulsão que, por algum motivo, não pôde ser apaziguada. É o retorno desse conteúdo recalcado, muitas vezes distorcido, deslocado ou condensado, que está na gênese dos sintomas psicossomáticos: os sintomas no corpo que não apresentam causa orgânica.

O retorno para a pessoa e a inversão em relação ao objeto são dois destinos que configuram formações reativas diante da impossibilidade de lidar com uma pulsão insatisfeita. No retorno para a pessoa tem-se uma reversão do sentido da pulsão, na qual o sujeito assume lugar de objeto, comum nas pulsões agressivas em que o sujeito direciona a agressão para si. Nesse caso a pessoa sofre a agressão que parte de si mesmo, ou procura outro sujeito para fazê-lo, constituindo o caso clássico de masoquismo. Na inversão em relação ao objeto o exemplo paradigmático é a inversão entre o par de opostos amor e ódio, assim um objeto de amor que se torna inalcançável é facilmente odiado, trata-se da inversão do *afeto* em relação ao objeto. Por se tratar de uma inversão de afeto, como formação reativa, considera-se que amor e ódio não sejam exatamente opostos, já que essa inversão é facilmente possível dada a ambivalência natural do afeto. Há sempre um pouco de ódio pelos objetos de nosso amor. Outra forma de pensar essa oposição seria amor e ódio *versus* indiferença (Freud, 1915a).

Enfim a sublimação, como conceito fundamental para o presente trabalho. Fez-se necessário uma digressão quanto aos possíveis destinos da pulsão para melhor compreender a afirmação de que a sublimação é o destino mais otimista, tendo visto que os demais destinos podem gerar grande sofrimento quando prescindem de uma elaboração mais simbólica. Os demais destinos não são necessariamente disfuncionais ou patológicos, a exemplo do próprio masoquismo que pode, inclusive, ser desempenhado de forma simbólica, portanto, enriquecedora da vida subjetiva e sem causar danos ao organismo. Assim a sublimação não necessariamente anula por completo qualquer dos outros destinos da pulsão. Convém nesse ponto ressaltar que para Freud a sublimação não é um destino dessexualizado da pulsão, porém envolve uma criação que possa ser considerado sublime em alguma medida (Torezan; Brito, 2012), e sobre isso discorreremos adiante.

Para compreensão do que significa a busca por prazer e a evitação do desprazer, Freud (1911) nos esclarece que o prazer é o alívio das tensões, ou a descarga da energia interna do organismo, enquanto desprazer se refere ao aumento de tensão interna no organismo. Esse princípio do funcionamento psíquico é chamado de *princípio do prazer*. Em contraposição temos o *princípio da realidade*, segundo o qual uma pessoa consegue abdicar de um prazer imediato em nome de um outro prazer futuro. Para convivermos em sociedade é necessária a não satisfação de todo e qualquer impulso, em nome de outras formas de prazer mais ligadas com a realidade, e não somente com os impulsos internos.

Um sujeito devidamente socializado é um sujeito que consegue agir em acordo com o princípio da realidade, porém não é possível abrir mão do princípio do prazer por completo, daí, também, que Freud (1930) elabora sobre o mal-estar oriundo da vida em civilização. Considera-se a pulsão como uma força advinda da energia acumulada no interior do organismo que urge por algum tipo de liberação, porém nunca completo, já que a liberação de toda e qualquer tensão interna, em última instância, levaria o organismo à morte (Freud, 1920).

Por ser a pulsão acessível somente a partir do uso da linguagem (o encontro entre o somático e o psíquico, isto é, entre o estímulo interno e a linguagem), somos levados à conclusão de que o objeto da pulsão tem caráter flexível. O objeto visado pela pulsão só pode ser acessado quando do uso da linguagem. Assim, com a impossibilidade de uma satisfação por vias diretas surgem outros destinos, dentre eles a satisfação por vias sublimatórias. “Dessa forma, a vicissitude sublimatória, veiculada a partir da constituição e ligação do ego com um outro objeto, caracterizará satisfações outras possíveis, distintas das exigências originais” (Tavares, 2020, p. 76).

Como Tavares (2020) explicita, o objeto de satisfação será outro, distinto da exigência original, quando se trata da vicissitude, ou do destino, sublimatório. Trata-se de um buraco o qual se mostra impossível de preencher, porém o qual é possível contornar. Em relação aos demais destinos pulsionais, a sublimação parece apontar para algo que possa ser compartilhado e que forme laços sociais. Freud (1915b) dirá que uma pulsão reprimida é aquela que geraria, necessariamente, prazer em um lugar, porém, ao mesmo tempo, desprazer em outro. Então, no recalque, a satisfação é freada porque causaria também um desprazer, e é afastada da consciência, pois o desprazer que viria da sua satisfação seria mais intenso que o prazer.

Diferente do que algumas leituras parciais de Freud podem sugerir, a sublimação não é um destino dessexualizado da pulsão. O sexual não se ausenta da pulsão quando desse destino:

Definitivamente, no destino pulsional sublimatório há satisfação pulsional e de forma diversa daquela existente no recalque. Havendo tal satisfação, o sexual não se ausenta da sublimação e a libido é redirecionada através do ideal de eu para novos objetos socialmente valorizados (Torezan; Brito, 2012, p. 250).

Em psicanálise tem-se sempre, no horizonte, alguma implicação subjetiva diante daquilo que se fala ou elabora. Assim a sublimação envolve, também, alterações subjetivas importantes para o sujeito. Quando frente-a-frente com o impossível ou com a interdição de alguma satisfação, o sublimar aponta ainda para uma possibilidade de reestruturação subjetiva:

... para que a subjetividade se reestruture a partir da irrupção do real, é necessário que ocorra o advento do sujeito psíquico, ou seja que [...] haja uma criação significativa, ou a construção de novas representações psíquicas, a fim de que o psiquismo torne possível um destino ao excedente do pulsional. Aqui, fica-nos explícito o entendimento de que o advento do sujeito psíquico se refere a um movimento da subjetividade, que implica criação e que caracteriza por um processo singular (particular) o processo sublimatório propriamente dito. (Tavares, 2020, p. 94).

A noção de um excedente pulsional, ainda que haja uma efetiva sublimação, aponta para a continuidade da própria vida do organismo, ou do sujeito. Afinal, como Freud (1920) diz, a liberação total das tensões internas de um organismo implica necessariamente na morte. Assim, por mais que tenhamos uma tendência natural à liberação dessa tensão, o que Freud chama de pulsão de morte, há sempre um resto ou um resíduo pulsional do qual o sujeito há que dar conta e continuar pondo a serviço da pulsão de vida.

Esse resíduo pulsional é o que move o sujeito rumo a busca de outras formas de satisfação. Porém, é além da produção factual e concreta de objetos artísticos ou culturais que se encontra os efeitos da sublimação:

Atos criativos, via sublimação, reposicionarão o sujeito com relação àquilo que lhe escapa, de forma que o processo de criação acaba caracterizando um momento de subjetivação singular comparado ao próprio advento do sujeito do inconsciente. Para além do objeto material, do artefato produzido

propriamente dito e de sua substancialidade particular, o fato é que, ao sujeito criador, transformações internas ocorrerão desde que tal se dê por uma via sublimatória” (Tavares, 2020, p. 97).

Então temos que para além da produção, o processo de sublimação se dá no próprio corpo e no próprio psiquismo de um sujeito. Num movimento de subjetivação singular, há, quando da sublimação, transformações internas. Uma outra característica notável da sublimação, essa ressaltada por Torezan e Brito (2012), é que: quando se associa à pulsão de vida – a *Eros*, em oposição à pulsão de morte, *Thanatos* – a sublimação se torna um destino para as representações das pulsões sexuais e “esta caracterização, evidentemente, mantém na satisfação sublimada o caráter sexual e distancia o processo sublimatório do campo da pulsão de morte” (Torezan; Brito, 2012, p. 250).

3 Sublimação pela literatura

Assim podemos conceber a sublimação como um destino pulsional que promove satisfação por vias alternativas à satisfação objetual cuja descarga seria direta. Quando atravessada pela linguagem a pulsão toma destinos outros que não a descarga direta das tensões. A sublimação pode, então, ser fomentada pela ampliação das possibilidades de representação de objetos para as pulsões. Além da relevância prática da produção intelectual, e da relevância estética da produção artística, Freud (1930) enfatiza a sublimação como um processo particularmente importante para a vida em sociedade. O que vai de encontro com o que nos traz Candido (2013) sobre a importância de uma luta pelo direito à literatura e à cultura em seus diversos níveis.

A relevância do investimento em formas de produção sublimada como sugere Freud (1930) e a necessidade de uma luta pelo direito de acesso a diversas formas de cultura, dentre elas a literatura, como advoga Candido (2013), convergem para o que se pode chamar de expansão do universo simbólico, ou das possibilidades de criar, recriar e inventar formas e representações. Motivo suficiente para formularmos a ideia de uma expansão das possibilidades subjetivas.

Desse modo podemos considerar a literatura como fonte de possibilidades subjetivas, principalmente pelo fato de ser constituída de novas organizações da linguagem, que, como Freud (1915a) coloca, constituem o meio de apreensão das pulsões, e a forma como estas adentro no psiquismo. Expandindo as possibilidades de linguagem de alunos e leitores,

através da literatura, se expande também as possibilidades de representação psíquica que cada sujeito pode dar às próprias pulsões. Em última instância temos a sublimação como forma de reposicionar o sujeito frente àquilo que dele escapa, propiciando o momento de subjetivação que Tavares (2020) descreve como consequência do processo sublimatório.

Ainda, também, na elaboração de Petit (2009) temos o compartilhamento das ideias evocadas a partir de uma leitura literária, com o que a autora chama de *intersubjetividade*, ou seja, o compartilhamento das percepções e elaborações subjetivas que um aluno pode ter a partir da própria vivência com a produção literária, o que podemos ler também como a formação de laços sociais. Uma forma, como se pode perceber, de estabelecimento de laço social a partir da vivência artística, tal qual Tavares (2020) desenvolve, isto é, a produção artística propicia também a formação desses laços, ainda que os sujeitos enlaçados não estejam propriamente produzindo artefatos artístico-culturais. A sublimação se dá com os efeitos internos de reestruturação e reposicionamento subjetivos. O laço social se dá pelo reconhecimento, pelos pares, da leitura que um sujeito faz do objeto artístico como uma leitura possível e digna.

Considerações finais

A arte e a cultura em geral expandem as possibilidades de expressão e de exteriorização daquilo de interno que o sujeito sente, e que o impulsiona para algum tipo de atividade no mundo (as pulsões). Conhecer novas palavras, expressões, significados, e até mesmo figuras de linguagem, permitem um verdadeiro alargamento das possibilidades de elaboração das pulsões, em suma, mais formas de sublimação. A criatividade dos alunos é disparada pelas narrativas, e essa criatividade está, invariavelmente, atrelada àquilo que há de mais valioso: a própria subjetividade.

Sejam as catástrofes íntimas, os traumas psíquicos, as lembranças recalçadas, os afetos reprimidos ou os desejos sufocados pelas exigências externas da vida, tudo isso é evocado e acessado pela literatura, desde o momento da escolha da obra como diz Petit (2009). E através das novas possibilidades de subjetivação que a linguagem literária traz ao leitor, é possível vislumbrar o advento de sujeitos do inconsciente, da forma como Tavares (2020) nos diz, e também a ocorrência de reestruturações subjetivas. Enfim, seria o advento de

sujeitos que conseguirão dar vazão às próprias moções pulsionais de forma diversa da descarga direta.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013. p. 171-193.

FREUD, Sigmund. **A pulsão e seus destinos**. Rio de Janeiro: Imago. 1976 (Trabalho original publicado em 1915a)

FREUD, Sigmund. **Para além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago. 1969. (Trabalho original publicado em 1920)

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia** (“O caso Schreber”), Artigos sobre a técnica e outros textos. São Paulo: Cia das Letras. 2022. (Texto original publicado em 1911)

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In **O futuro de uma ilusão, o malestar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 1976. (Texto original publicado em 1930)

FREUD, Sigmund. O Recalque. In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago. 2004. (Texto original publicado em 1915b).

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. **Psicanálise e musicalidades: sublimação, invocações, laço social**. São Paulo: Unifesp. 2020.

TOREZAN, Zeila Facci; BRITO, Fernando Aguiar. Sublimação: da construção ao resgate do conceito. **Ágora**. Rio de Janeiro. v. 15. n. 2. p. 245-258. 2012.